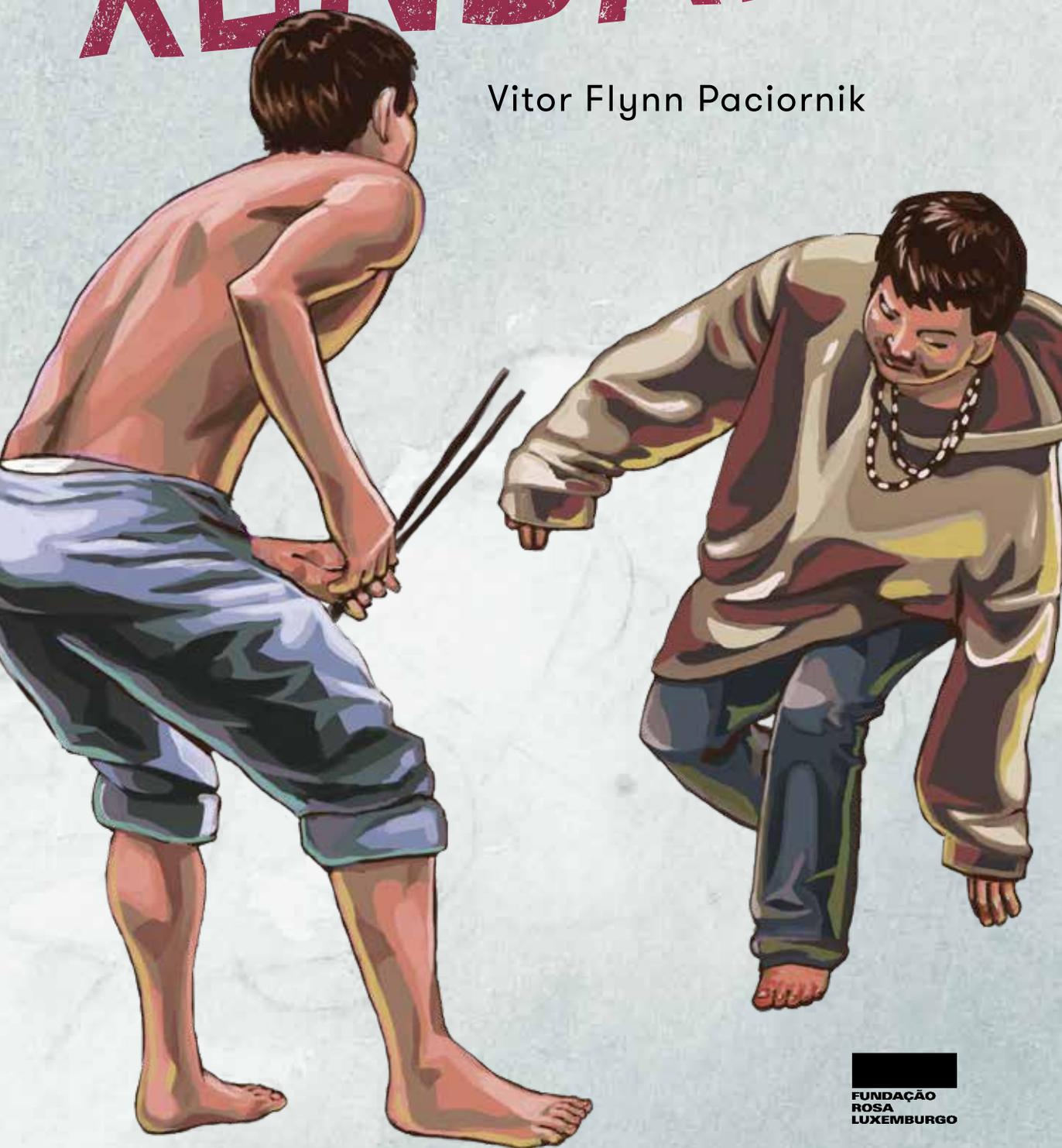


XONDARO

Vitor Flynn Paciornik



A VIDA DOS GUARANI mudou radicalmente depois da chegada dos europeus, mas pouca gente percebe que esse povo ainda está aqui, resistindo ao avanço da cultura dos *juruá*, preservando seus costumes e seu idioma e tentando viver segundo suas tradições ancestrais — inclusive dentro da maior metrópole brasileira.

Hoje, os Guarani lutam pela conclusão da demarcação de suas terras na zona norte e na zona sul da cidade de São Paulo. A situação é caótica. Mais de dois mil indígenas vivem esmagados em pequenas áreas nas regiões do Jaraguá e de Parelheiros. Depois de muitos anos de paciência, os Guarani — povo tido como calmo e cauteloso — perceberam que precisavam mudar suas estratégias de luta. Iniciaram, assim, uma nova página em sua longa história de resistência, misturando a sabedoria dos mais velhos e os ensinamentos de Nhanderu Tenonde, sua maior divindade, com a energia e a valentia das lideranças mais jovens.

Para mostrar que existem, os Guarani irromperam o asfalto. Em setembro de 2013, pararam o trânsito da Rodovia dos Bandeirantes, estrada com o nome dos assassinos de índios que cortou ao meio a aldeia do Jaraguá — menor terra indígena do país. Na época, começava a tramitar pelo Congresso Nacional a PEC 215, Proposta de Emenda à Constituição que pretende dar aos parlamentares a palavra final sobre a demarcação de novas terras — o que contraria as reivindicações das etnias brasileiras.

Por isso, em outubro, os Guarani realizaram uma grande manifestação na Avenida Paulista, que se dirigiu ao Monumento às Bandeiras, uma enorme escultura que homenageia as expedições que rasgaram o Brasil matando e escravizando os índios. Com panos vermelhos, pintaram simbolicamente a escultura com a cor do sangue guarani que os bandeirantes outrora derramaram sobre essa terra.







Escritório Regional São Paulo

DIRETOR

Gerhard Dilger

COORDENADORES

Ana Rüsche
Daniel Santini
Jorge Pereira Filho
Verena Glass

ADMINISTRATIVO

Catary Minotelli
Davide Simadon
Débora Ruiz
Everalda Novaes



CONSELHO EDITORIAL

Leonardo Garzaro
Tadeu Breda
Bianca Oliveira

EDITORAELEFANTE.COM.BR

FACEBOOK.COM/EDITORAELEFANTE



ORGANIZAÇÃO

Ana Rüsche
Daniel Santini

CONSULTORIA

Lucas Keese dos Santos

REVISÃO

Tadeu Breda

PROJETO & PRODUÇÃO GRÁFICA

Bianca Oliveira



APOIO

Comissão Guarani Yyryrupa

XONDARO

ROTEIRO & ARTE

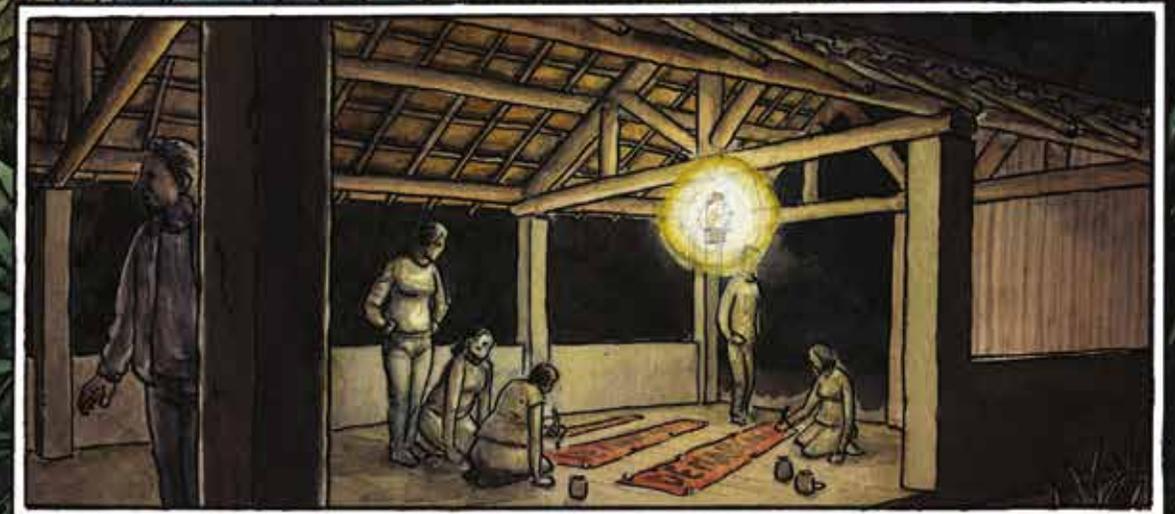
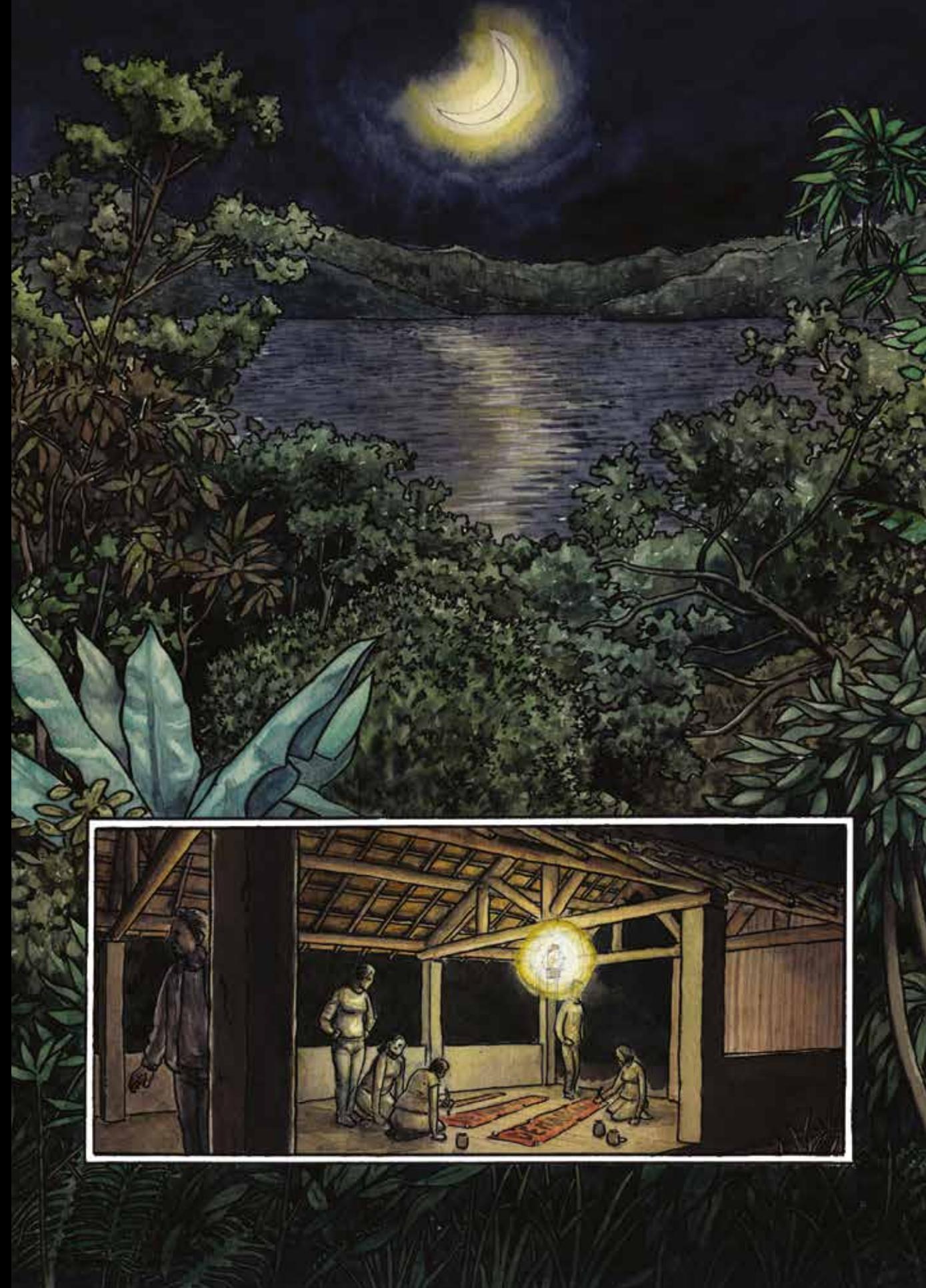
Vitor Flynn Paciornik

NDAXEAYVU RIVEI

Eu não falo isso à toa

KOVA'E MA ANHETENGUA MEME

Isso realmente aconteceu, é verdade



Aldeia Tenondé Porã, bairro de Parelheiros, extremo sul da imensa cidade de São Paulo, Brasil, plataforma terrestre.





AGUYJEVETE!
VENHAM, VENHAM,
JOVENS!



HOJE É UM DIA
IMPORTANTE, É UM DIA DE
LUTA PARA O NOSSO POVO.
PRECISAMOS ESTAR
PREPARADOS.



SENTEM-SE
AQUI. VAMOS FUMAR
O PETY'GUA.



NÓS SOMOS
GUARANI MBYA, NOSSO
CONHECIMENTO VEM DE
NHANDERU TENONDE,
NOSSO PAI PRIMEIRO.



BUSCAR
CONCENTRAÇÃO.



FORTALECER
NOSSO ESPÍRITO.



É NAS
NOSSAS
HISTÓRIAS
E COSTUMES
QUE DEVEMOS
BUSCAR
ORIENTAÇÃO.

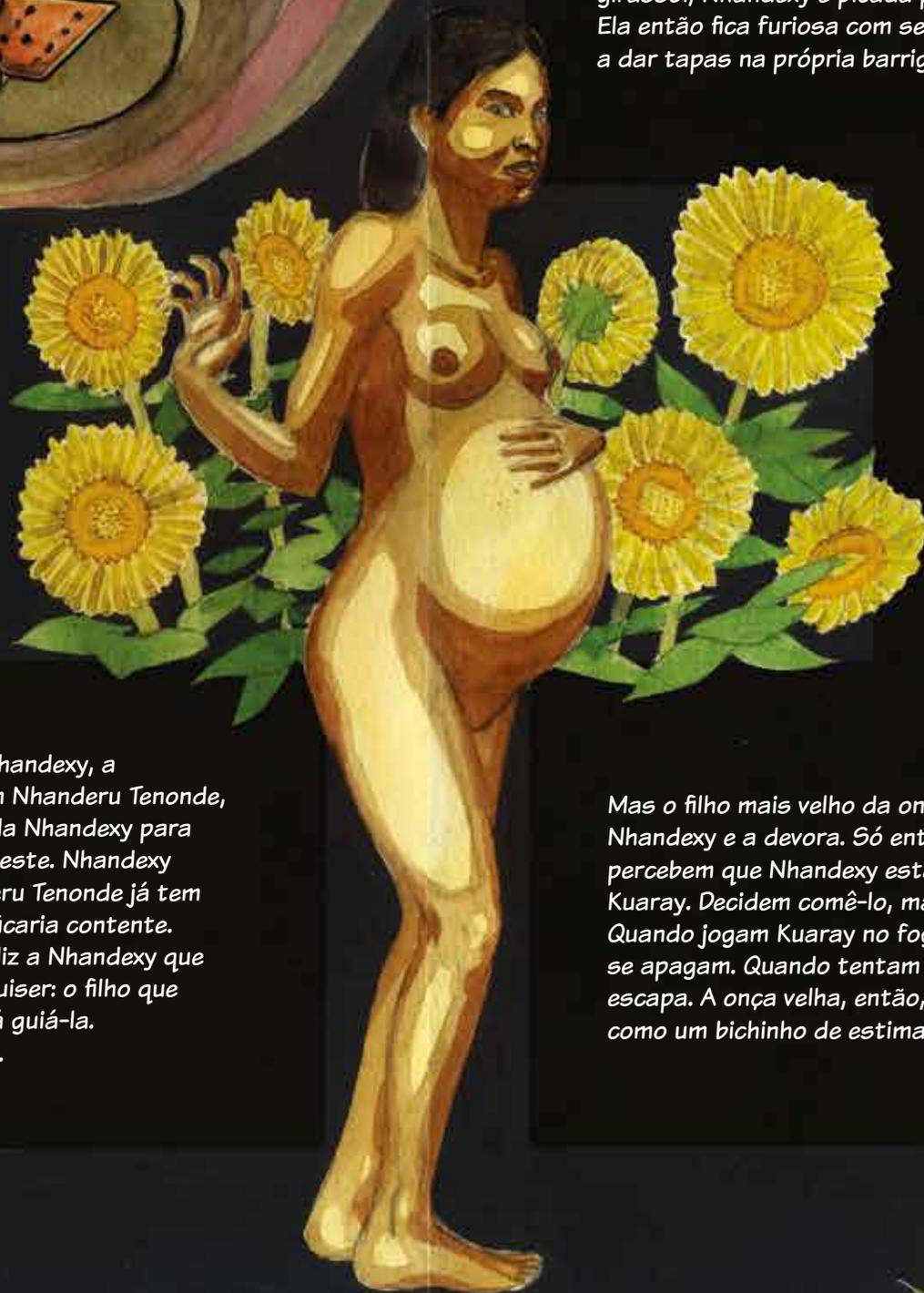


OUÇAM COM
ATENÇÃO...



...A HISTÓRIA
DE KUARAY E JAXY, OS
IRMÃOS SOL E LUA.

Nhandexy, a mãe do Sol, era uma jovem bonita que um dia fez um laço pra pegar o passarinho inambu. Em seu laço, porém, caiu uma corujinha. Nhandexy gostou tanto da corujinha que a levou pra casa. Em pouco tempo, Nhandexy sentiu que sua barriga estava começando a crescer: estava grávida. Nhandexy não entendeu o que tinha acontecido e ficou muito assustada.

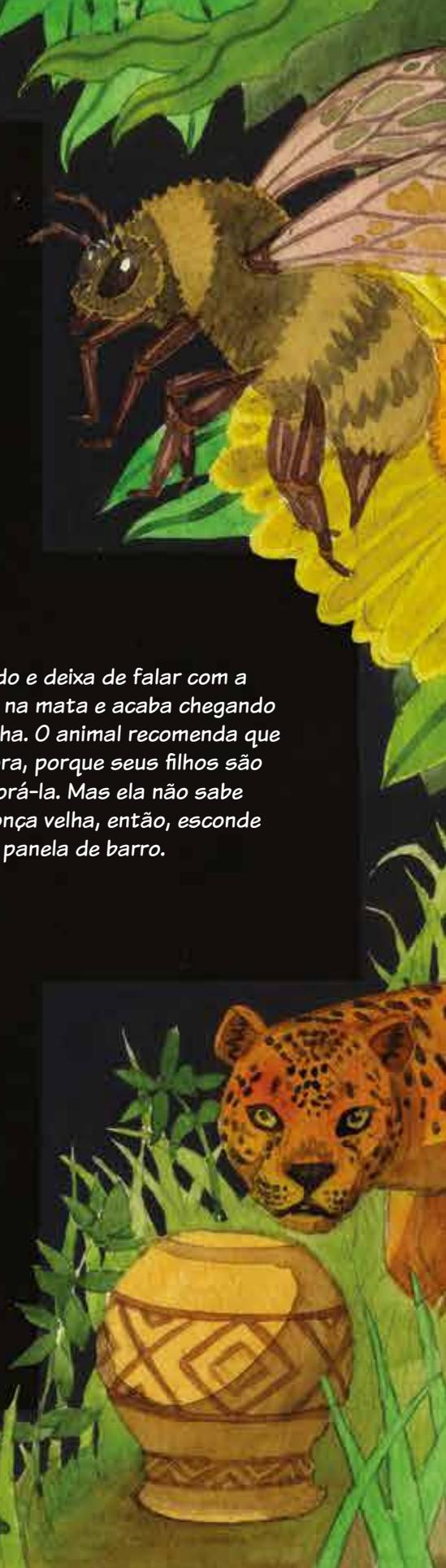


Percebendo a tristeza de Nhandexy, a corujinha se transforma em Nhanderu Tenonde, nosso Pai Primeiro, e convida Nhandexy para ir com ele à sua morada celeste. Nhandexy nega, alegando que Nhanderu Tenonde já tem uma esposa e que ela não ficaria contente. Então, Nhanderu Tenonde diz a Nhandexy que ela pode segui-lo quando quiser: o filho que está em sua barriga saberá guiá-la. Ele é Kuaray, o Pequeno Sol.

No dia seguinte, Nhandexy resolve ir atrás de Nhanderu Tenonde. Pergunta o caminho ao bebê que estava em sua barriga, e Kuaray diz a ela que pegue a trilha da direita. Kuaray também pede a sua mãe que colha flores. Quando pega um girassol, Nhandexy é picada por uma mamangava. Ela então fica furiosa com seu filho e começa a dar tapas na própria barriga.

Kuaray fica zangado e deixa de falar com a mãe, que se perde na mata e acaba chegando à toca da onça velha. O animal recomenda que Nhandexy vá embora, porque seus filhos são ferozes e irão devorá-la. Mas ela não sabe voltar sozinha. A onça velha, então, esconde Nhandexy em uma panela de barro.

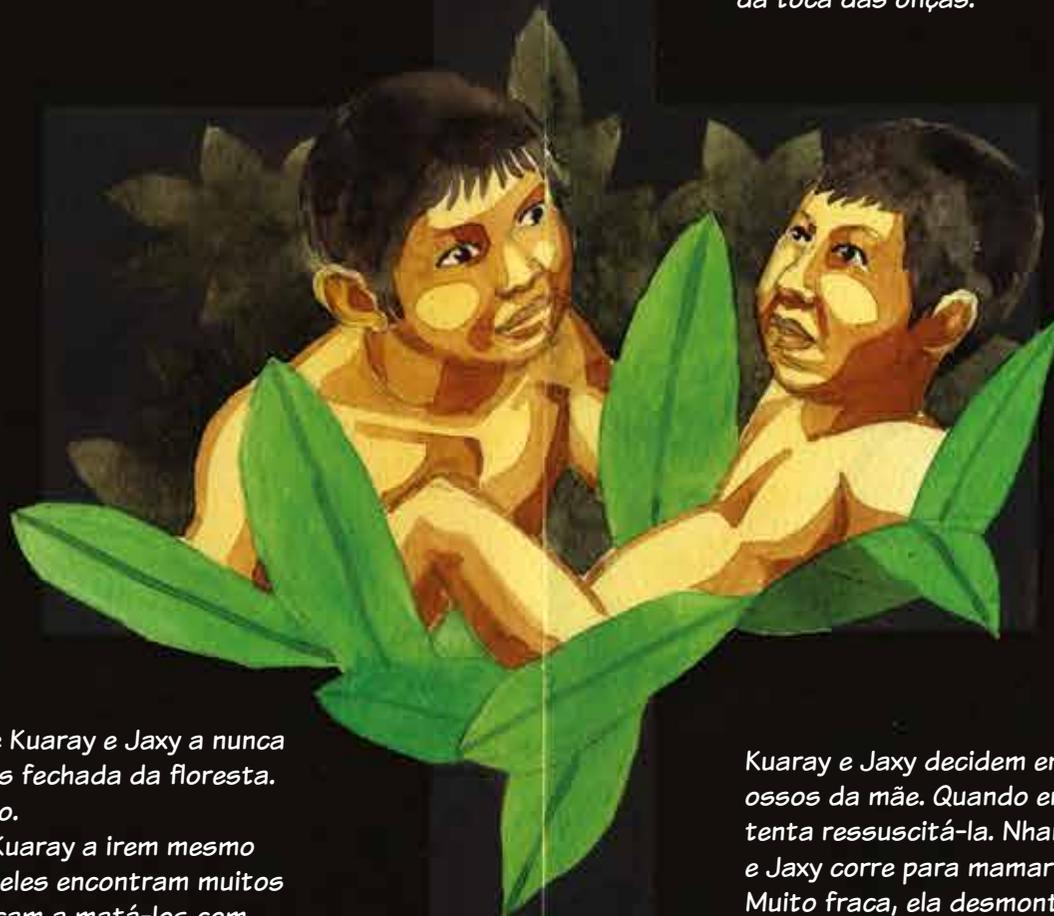
Mas o filho mais velho da onça velha descobre Nhandexy e a devora. Só então as onças percebem que Nhandexy estava grávida de Kuaray. Decidem comê-lo, mas não conseguem. Quando jogam Kuaray no fogo, as brasas se apagam. Quando tentam esmagá-lo, ele escapa. A onça velha, então, decide adotá-lo como um bichinho de estimação.





Kuaray cresceu muito rápido. Um dia, pediu à onça velha um arco e flecha para caçar borboletas e grilos. Depois de um tempo, também começou a caçar passarinhos para alimentar a onça velha e seus filhos.

Mas Kuaray sentia-se muito sozinho entre as onças. Por isso, pegou uma folha de árvore e, com seu saber das coisas, disse:
– Irmãozinho, levante-se!
A folha transformou-se em menino. Kuaray então disse:
– Você é meu irmão mais novo, meu nome é Kuaray e teu nome é Jaxy, o Pequeno Lua.



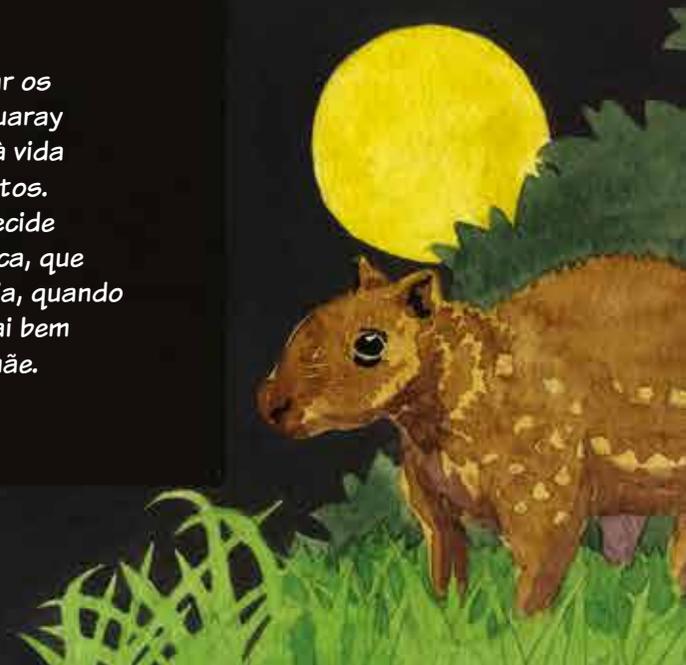
A onça velha adverte Kuaray e Jaxy a nunca irem até a parte mais fechada da floresta.
– Lá é muito perigoso.
Mas Jaxy convence Kuaray a irem mesmo assim. Chegando lá, eles encontram muitos passarinhos e começam a matá-los com o arco e flecha. Quando atiram em um papagaio, ele desvia e pergunta a Jaxy:
– Por que você quer me matar? Para alimentar as onças ferozes que devoraram sua mãe?

Jaxy não entende e tenta flechar o papagaio de novo, mas não consegue. Pede ajuda a Kuaray, que atira outra flecha no papagaio. Mas o papagaio desvia novamente e fala a mesma coisa. Kuaray entende e começa a chorar. Então, pergunta ao papagaio:
– Onde posso encontrar os ossos da minha mãe?
O papagaio responde:
– Estão debaixo de duas pedras, perto da toca das onças.



Kuaray fica com remorso e começa a ressuscitar todos os pássaros que tinha matado, criando todas as espécies de aves. Quando voltam pra casa, a onça velha pergunta:
– Por que vocês não caçaram nada? Por que estão com os olhos vermelhos de choro?
Kuaray responde que eles não estavam com vontade de caçar e que choraram porque foram picados por marimbondos.

Kuaray e Jaxy decidem então procurar os ossos da mãe. Quando encontram, Kuaray tenta ressuscitá-la. Nhandexy volta à vida e Jaxy corre para mamar em seus peitos. Muito fraca, ela desmonta. Kuaray decide então transformar a mãe em uma paca, que foge pulando para o mato. Hoje em dia, quando os Guarani caçam uma paca, o Sol sai bem fraquinho, porque fica com pena da mãe.





Os irmãos decidem vingar a morte de Nhandexy. Criam uma lagoa grande, com uma ilha dentro. Nessa ilha, com o seu saber das coisas, Kuaray faz surgir a árvore frutífera chamada guavirova e várias outras. Kuaray e Jaxy levam as frutas pra casa e começam a comê-las, dando inveja às onças, que estavam passando fome. Eles dizem às onças que as frutas crescem em uma ilha, e se oferecem para fazer uma ponte com um tronco para que elas possam ir até lá.

Kuaray atravessa a ponte e combina com Jaxy, que fica do outro lado, de virar o tronco quando todas as onças estiverem atravessando. Com a casca do tronco, Kuaray faz monstros aquáticos para devorá-las quando caírem na água.



Kuaray e Jaxy vão caminhando pela ilha e encontram Anhã, seu tio, irmão mais velho de Nhanderu Tenonde, que estava pescando com o pari, um tipo de armadilha para peixes. Kuaray mergulha na água e rouba os peixes, enganando Anhã. Jaxy tenta imitá-lo, mas faz tudo errado e fica preso no pari, sendo puxado por Anhã, que o devora. Sempre que tem eclipse lunar é porque Anhã está comendo Jaxy. Depois, Kuaray vai à casa de Anhã, que havia preparado uma sopa com os ossos de Jaxy. Kuaray recupera o crânio do irmão. Da sopa, refaz o cérebro e, com o crânio, recria Jaxy e lhe dá uma bronca.

Mas Jaxy não presta atenção e vira o tronco antes da hora. As onças caem na água, menos uma onça grávida, que estava no começo da travessia. A onça que sobreviveu já não fala mais, e passa a rugir, como fazem as onças atualmente. Depois de um tempo, ela dá à luz um filhote macho e, com ele, reproduz a espécie.

Em seguida, Kuaray manda o irmão pegar seu arco e atirar para o céu. A flecha atinge o chão do céu, e Kuaray manda Jaxy continuar atirando, uma flecha sobre a outra, até que elas formem uma escada que chega à terra. Depois, Kuaray manda o irmão deixar o arco na terra. A partir dele cria uma árvore de guyrapaju, que serve até hoje para fazer os arcos verdadeiros. Os irmãos sobem ao céu, onde recebem os cumprimentos de Nhanderu Tenonde pelos exemplos que deixaram aos Guarani.





...procurando terra boa pra viver do jeito que Nhanderu nos ensinou. Tudo mudou desde que os brancos, os juruá, vieram da outra ilha.

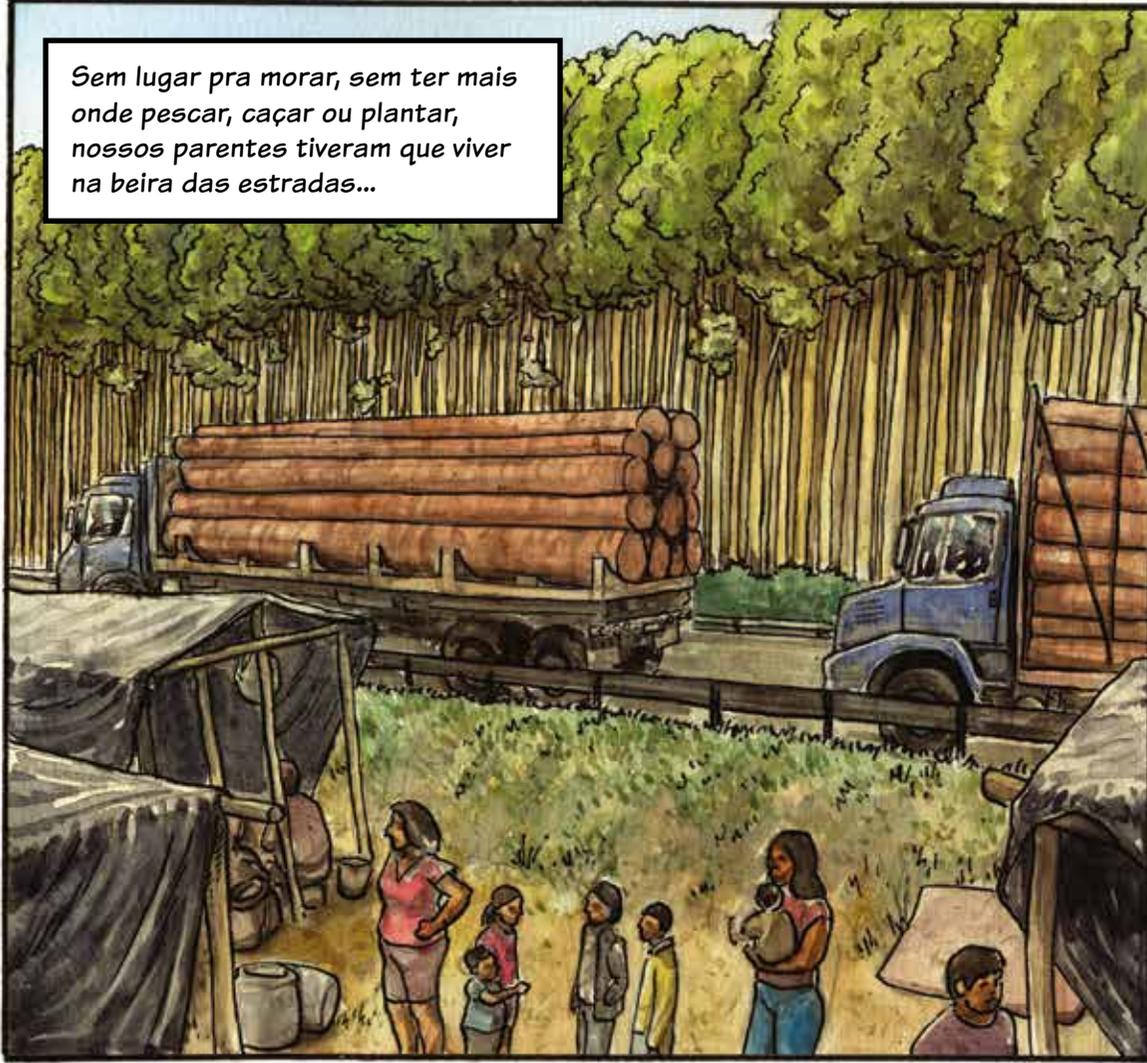




Toda a vida da mata, as plantas e os animais foram substituídos por desertos de eucalipto, cana-de-açúcar e soja, cheios de veneno.



Sem lugar pra morar, sem ter mais onde pescar, caçar ou plantar, nossos parentes tiveram que viver na beira das estradas...



OS JURUÁ
VIERAM COM DOENÇAS,
COM DROGAS, COM BEBIDA,
COM CRIME, COM CONSUMISMO.
AQUILO NÃO ERA MAIS VIDA,
ERA SÓ SOBREVIVER!



FOMOS PERDENDO
ESPAÇO PARA CULTIVAR
NOSSAS SEMENTES
TRADICIONAIS, NOSSOS
ALIMENTOS VERDADEIROS,
FEIJÃO, BATATA DOCE, AS MUITAS
VARIEDADES DO MILHO GUARANI...
E HOJE NOSSOS CORPOS SE
ENFRAQUECEM COMENDO
OS ALIMENTOS RUINS
DO JURUÁ!



FOMOS SENDO
SUFOCADOS!

NOSSA
VIDA PIOROU
MUITO.

VIEMOS AO
MUNDO PARA SER LIVRES
E FOMOS PRESOS EM
UMA GAIOLA!





Mais de 150 mil Guarani, nossos antepassados, foram capturados pelos bandeirantes para trabalhar como escravos em São Paulo. Fora tantos outros que foram simplesmente assassinados.



Esses mesmos homens que perseguiram, estupraram e mataram nossos ancestrais acabaram virando nome de rua, de escola, de estrada. Construíram estátuas em homenagem a eles, ergueram palácios.



Que justiça é possível onde assassinos se transformam em heróis?



MAS HOJE TEMOS ALIADOS ENTRE OS JURUÁ, PARCEIROS NOSSOS QUE, COM A FORÇA DOS POVOS INDÍGENAS, AJUDARAM A CRIAR LEIS QUE GARANTEM NOSSO DIREITO DE VIVER EM NOSSO TERRITÓRIO TRADICIONAL DE ACORDO COM NOSSA CULTURA.



SÓ QUE A GANÂNCIA DOS JURUÁ PODEROSOS FALA MAIS ALTO!

MUITOS POLÍTICOS E RURALISTAS QUEREM ACABAR COM AS POLICAS GARANTIAS QUE CONQUISTAMOS NA CONSTITUIÇÃO DE 1988.

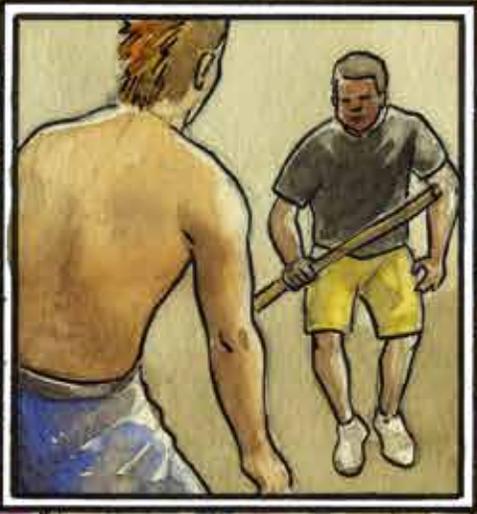
DIZEM QUE OS POVOS INDÍGENAS JÁ TÊM MUITA TERRA NO BRASIL, MAS NÃO É VERDADE.

MAIS DA METADE DOS PARENTES INDÍGENAS VIVEM SEM DIREITO A SEU TERRITÓRIO TRADICIONAL, ESMAGADOS EM ESPAÇOS MINÚSCULOS, COMO NÓS AQUI EM SÃO PAULO.

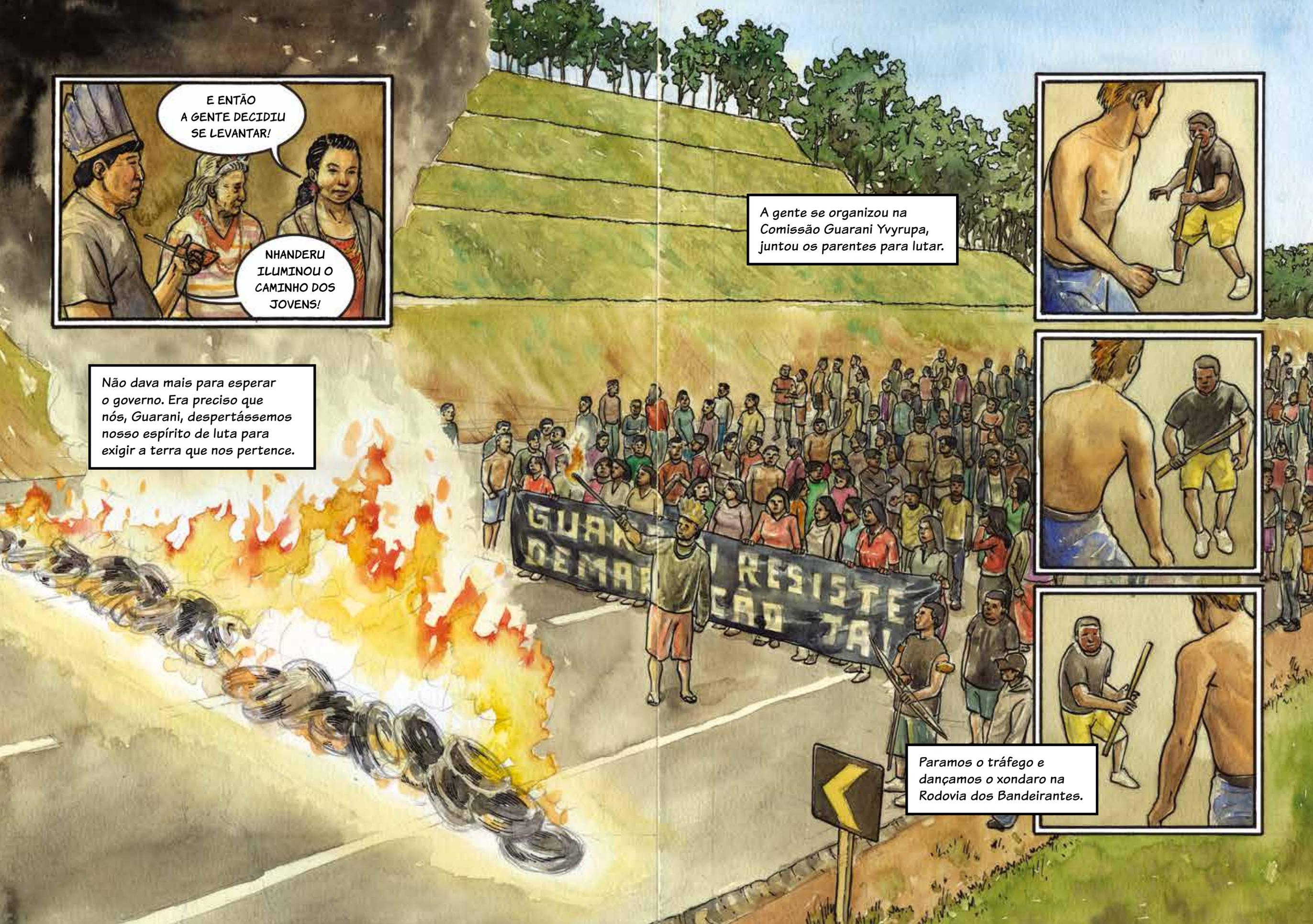


Não dava mais para esperar o governo. Era preciso que nós, Guaraní, despertássemos nosso espírito de luta para exigir a terra que nos pertence.

A gente se organizou na Comissão Guaraní Yvyrupa, juntou os parentes para lutar.



Paramos o tráfego e dançamos o xondaro na Rodovia dos Bandeirantes.



A gente cobriu de vermelho sangue o que eles chamam de Monumento às Bandeiras.

Mostramos que os indígenas não são coisa do passado e que a violência dos juruá está presente em nossas vidas até hoje.



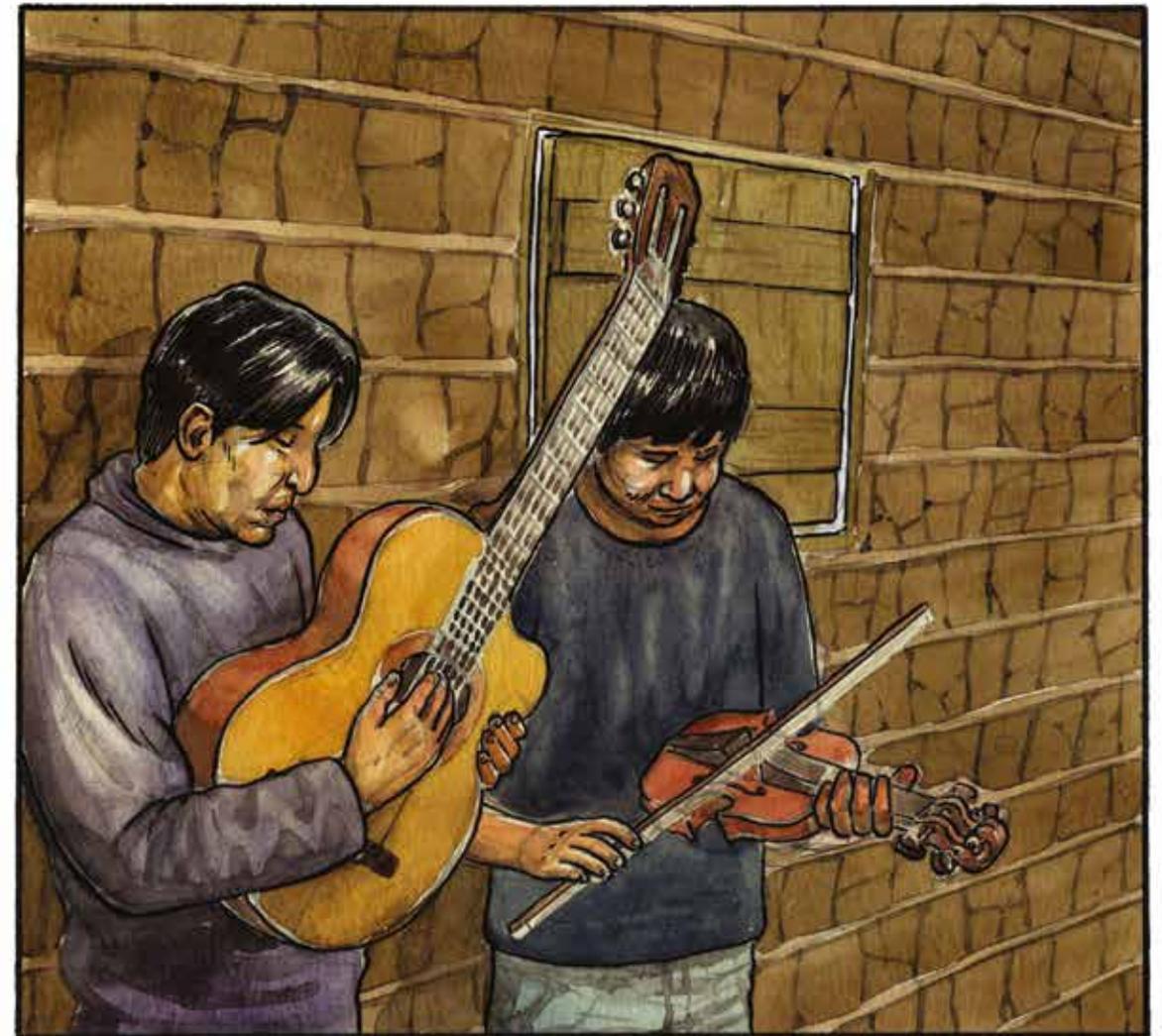


PRECISAMOS DA ASTÚCIA E DA VALENTIA DOS NOSSOS XONDARO E XONDARIA PARA DEFENDER NOSSO POVO E NOSSOS DIREITOS CONTRA A FORÇA DOS JURUÁ.



HOJE VOCÊS PARTICIPARÃO DA ABERTURA DA COPA. O MUNDO INTEIRO IRÁ ASSISTIR.

VOCÊS SÃO XONDARO GUARANI. NHANDERU ESTARÁ COM VOCÊS, ASSIM COMO O ESPÍRITO DE TODOS OS POVOS INDÍGENAS DO BRASIL.

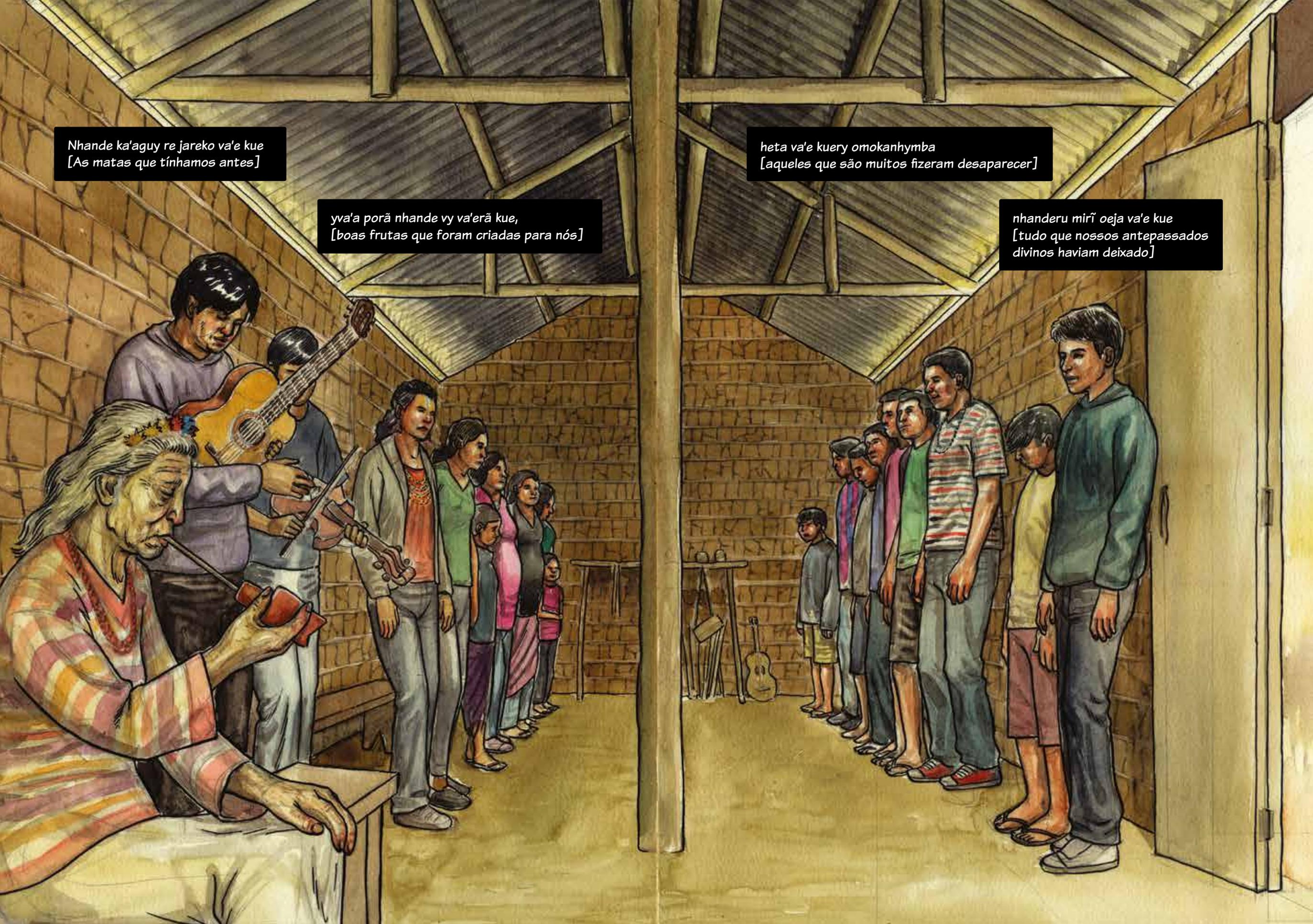


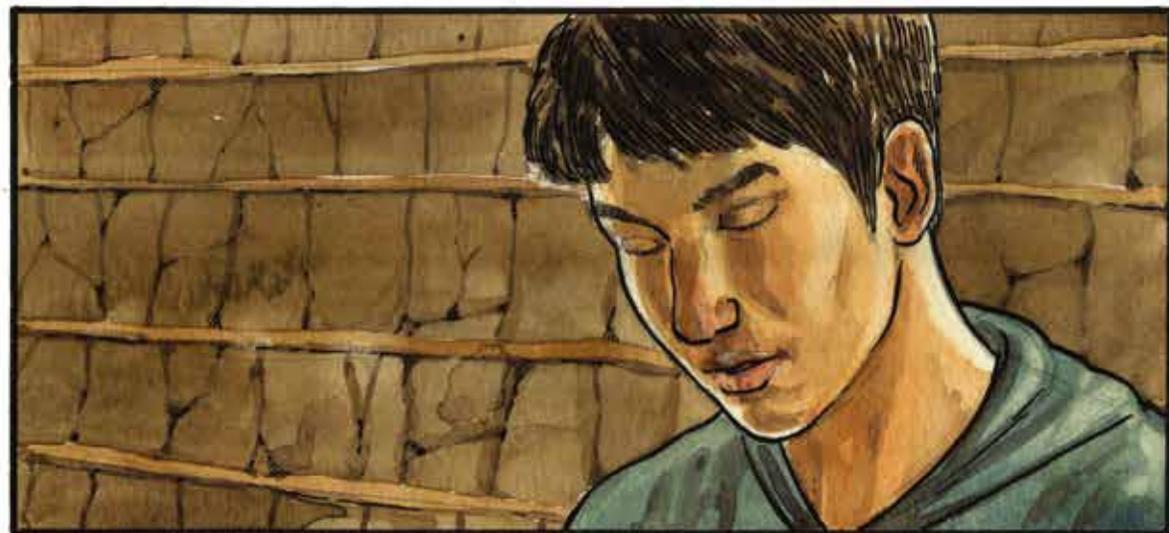
Nhande ka'aguy re jareko va'e kue
[As matas que tínhamos antes]

yva'a porã nhande vy va'erã kue,
[boas frutas que foram criadas para nós]

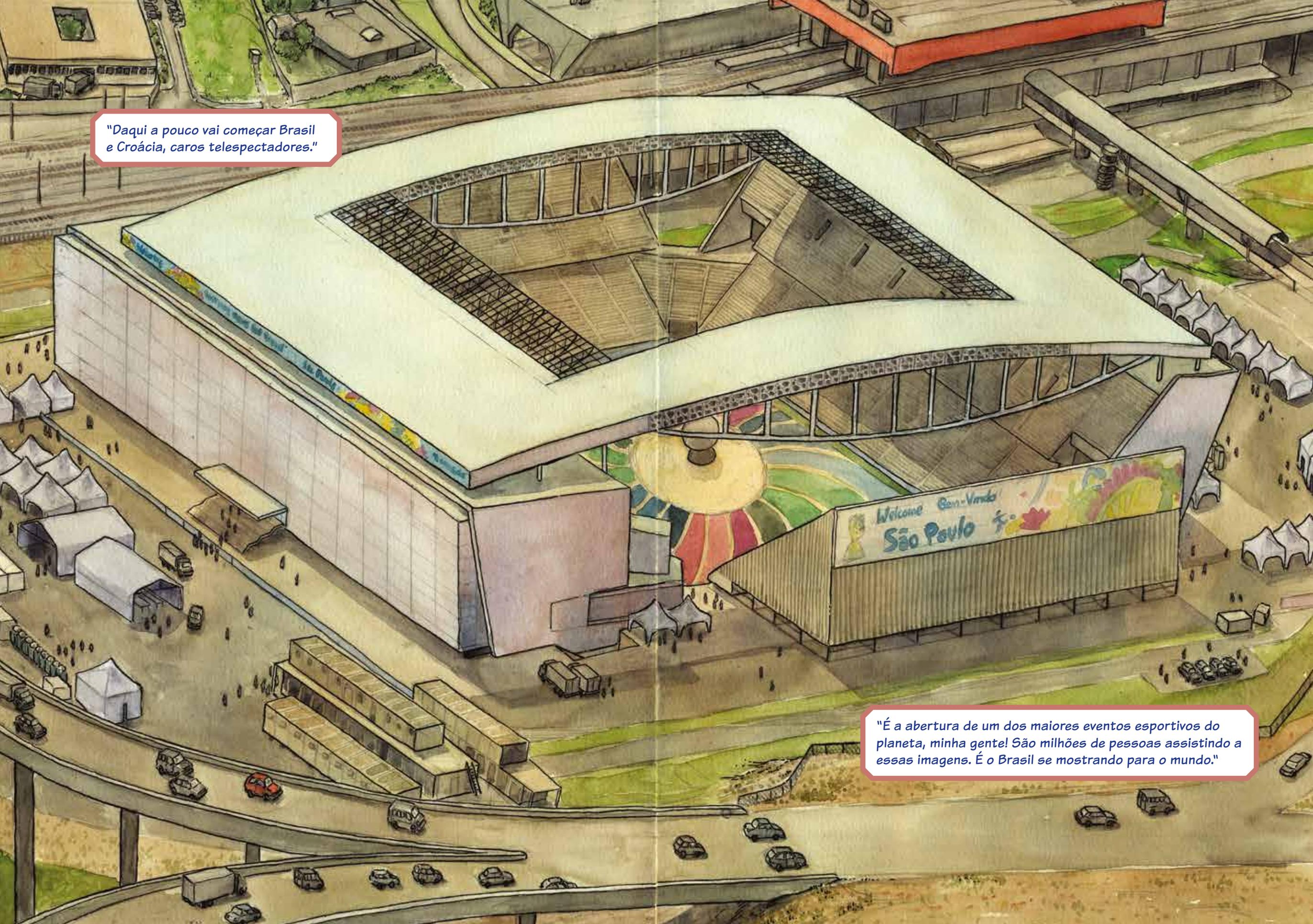
heta va'e kuery omokanhymba
[aqueles que são muitos fizeram desaparecer]

nhanderu mirĩ oeja va'e kue
[tudo que nossos antepassados
divinos haviam deixado]









"Daqui a pouco vai começar Brasil e Croácia, caros telespectadores."

"É a abertura de um dos maiores eventos esportivos do planeta, minha gente! São milhões de pessoas assistindo a essas imagens. É o Brasil se mostrando para o mundo."



"Que bonito espetáculo, meus amigos! Todo mundo reunido em um grande momento de confraternização dos povos!"

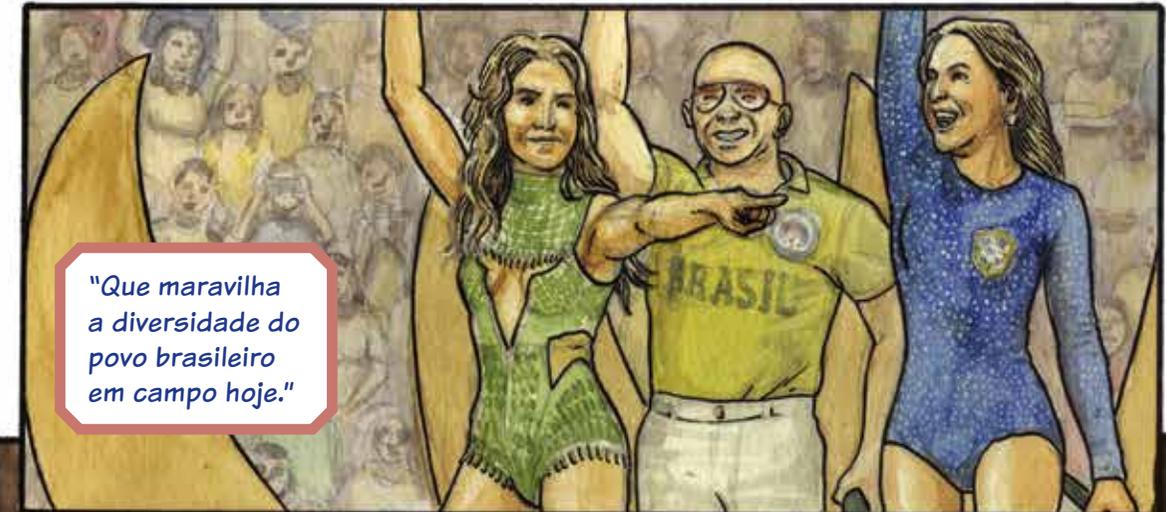


"Olha aí a natureza brasileira, tão rica, olha aí nossa cultura. É uma festa linda!"



"Olha os índios remando, os índios que foram tão importantes na história desse país."

"Os primeiros habitantes dessa terra, os brasileiros mais brasileiros."



"Que maravilha a diversidade do povo brasileiro em campo hoje."



O NOSSO WERÁ DEVE APARECER LOGO!

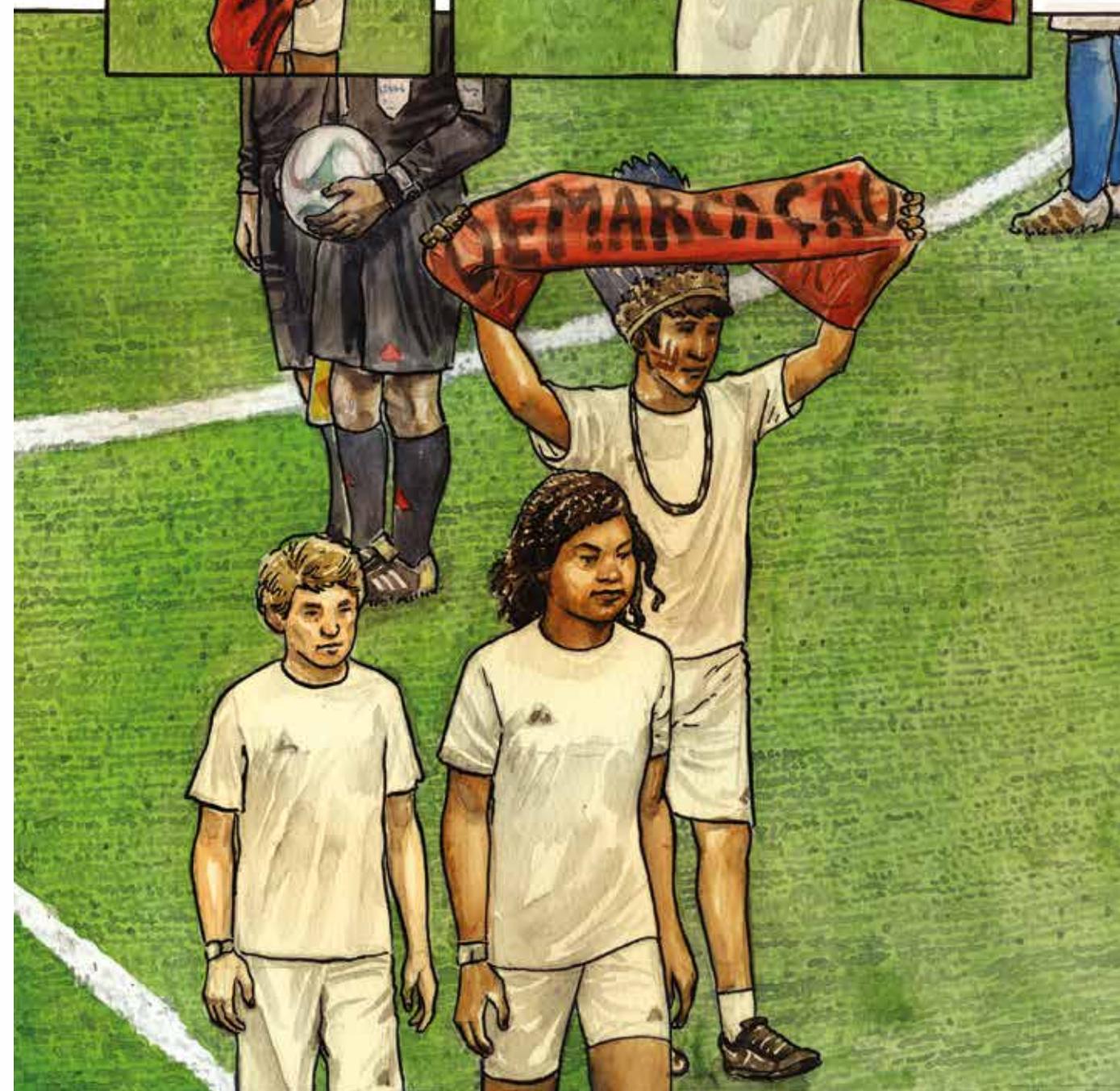


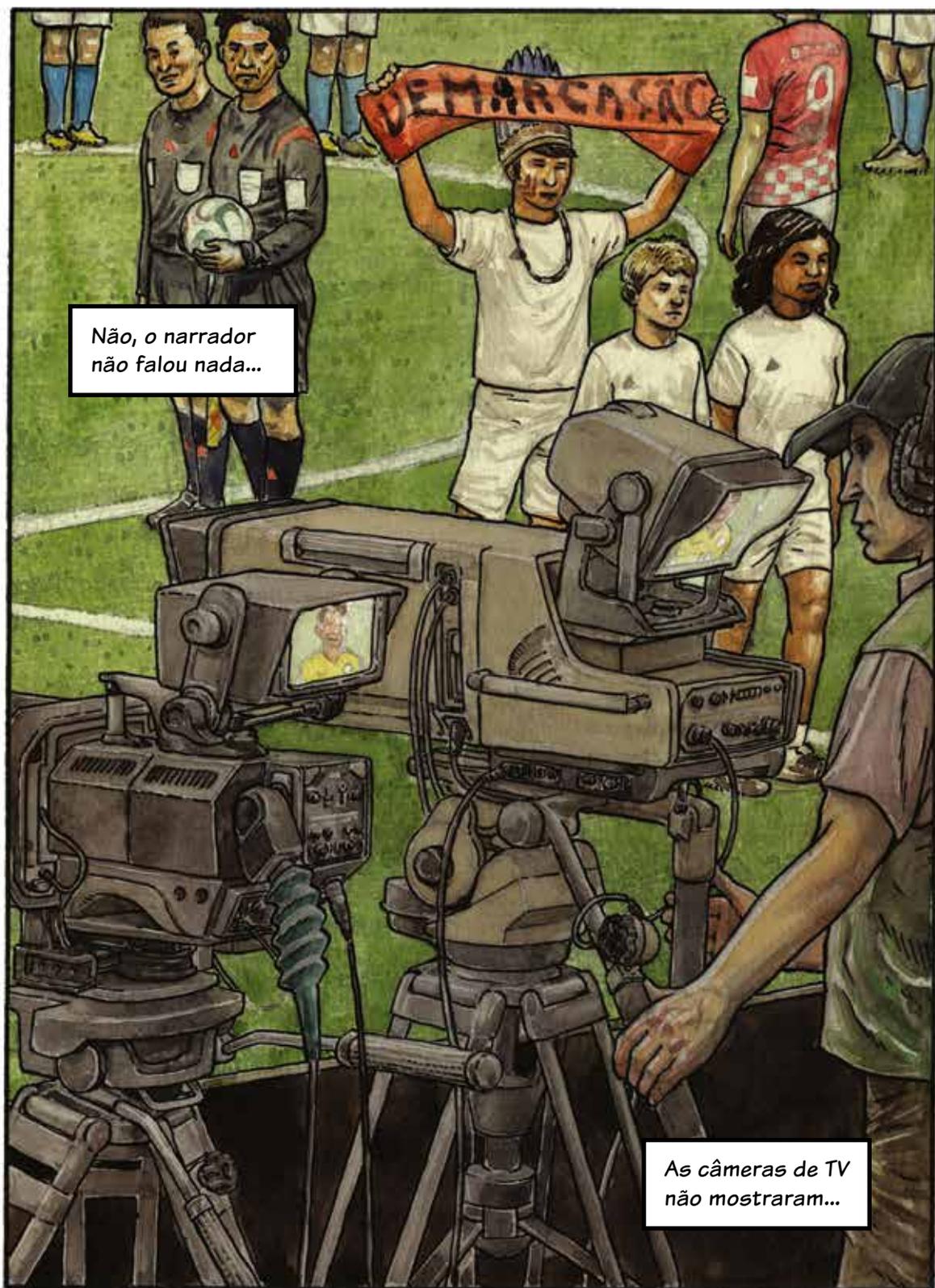
"Vemos as autoridades acompanhando essa celebração histórica."

Os jogadores já estão em campo, logo mais teremos o início da partida!



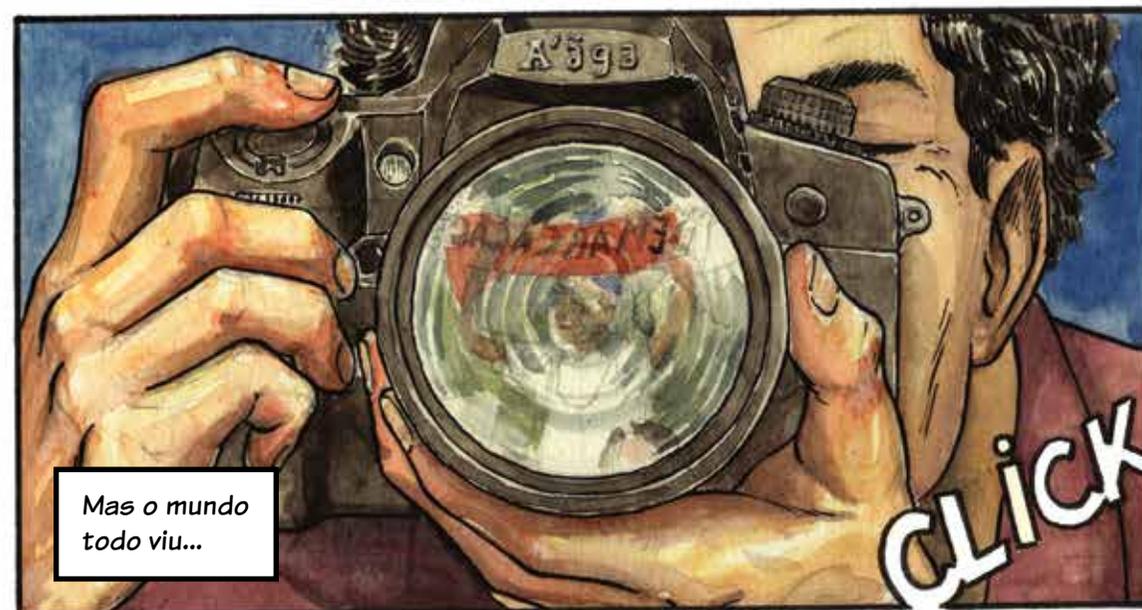
"E olha aí, que bonito, a pomba branca simbolizando a paz. Porque paz é o que importa, e o povo brasileiro é um povo muito pacífico. É o branco, o índio e o negro juntos, é a união das raças que faz esse Brasil tão grande, tão bonito!"





Não, o narrador não falou nada...

As câmeras de TV não mostraram...



Mas o mundo todo viu...



E que há também a resistência e luta dos povos dessa terra por seus direitos, por uma existência digna de acordo com seus próprios costumes e tradições.

**DEMARCAÇÃO JÁ!
AGUYJEVETE PRA QUEM LUTA!**





DANIEL SANTINI

Coordenador no escritório
regional da Fundação
Rosa Luxemburgo
em São Paulo

O VIVER COMO RESISTÊNCIA

Ordem e progresso. O *slogan* escolhido nas sombras pelo governo conspiratório que tomou o Palácio do Planalto em 2016 é emblemático. Ao incorporar o lema positivista cravado na bandeira nacional, nossa oligarquia radicalizou de maneira explícita a opção pela política cega de desenvolvimento já adotada por seus antecessores.

Em nome da ordem e do progresso, vale tudo. É permitida e justificada desde a abertura de novas estradas e hidrelétricas na Amazônia, atropelando e afogando quem estiver no caminho, até a substituição gradual, planejada e calculada da floresta nativa por campos de cana, soja, eucalipto transgênico e dendê, em latifúndios que vão do Mato Grosso do Sul ao Pará. É possível falar, sem constrangimento, em desmantelamento da legislação ambiental e de seus órgãos de proteção, em flexibilização da legislação trabalhista e suspensão de garantias sociais básicas. Tudo em nome do “desenvolvimento”.

O discurso é de pacificação. Ao citar o papa Paulo VI, pouco após o golpe que o levou ao poder, Michel Temer escreveu no jornal *Folha de S. Paulo*: “Se o desenvolvimento é o novo nome da paz, quem não deseja trabalhar para ele com todas as forças?”

É a mesma verborragia civilizatória que, por mais de quinhentos anos, serve de base para violências que vêm dizimando de maneira sistemática os povos originários do continente, e que justifica projetos de lei com ranço ruralista pensados para

fragilizar a garantia de direitos básicos, dificultar a demarcação de terras e legalizar invasões.

O genocídio, a expulsão e as políticas deliberadas de extermínio estão longe de serem práticas do passado colonial, como atestam indígenas sobreviventes dos ataques em série perpetrados por milícias privadas no Centro-Oeste.

O racismo que justifica tais violências é ancorado na padronização do viver. É preciso trabalhar sem parar, consumir, viver com pressa, olhar o celular a cada cinco minutos, dirigir rápido: capitalismo no seu sentido mais puro e extremo. Viver de uma maneira diferente é visto como atraso, preguiça, falta de capacidade.

Se, por um lado, a escuridão que assombra o Brasil é tenebrosa, por outro ela permite identificar rasgos de luz, direcionar o olhar para outros caminhos possíveis. E é nas diferentes formas de ver a vida que se ilumina a esperança de alternativas ao desenvolvimento bruto, cego e limitado.

É nesta perspectiva que a Fundação Rosa Luxemburgo, em parceria com a Editora Elefante, propõe uma mirada cuidadosa sobre como tem se organizado a resistência dos Guarani, povo que, diante de agressões crescentes, se esquivava e, com leveza e astúcia, sobrevive: é o *xondaro* em sua essência. Organizar uma publicação em quadrinhos é também apostar na diversidade.



A história de Werá Jeguaká Mirim, o jovem que abriu uma faixa pedindo “demarcação” na abertura da Copa do Mundo, em 2014, é o ponto de partida para pensar não só como diferentes povos têm ainda que lutar por direitos básicos, como o direito de ter um canto para viver, mas também sobre como se dá essa resistência. A narrativa foi livremente inspirada em um conto escrito por seu pai, Olívio Jekupé. O roteiro e os desenhos de Vitor Flynn foram feitos a partir da vontade de contar essa história, símbolo da criatividade e ousadia dos *xondaro* e das *xondaria*.

O ilustrador esteve nas aldeias Tenondé Porã, Kalipety e Krukutu, terra indígena apertada em meio à periferia no extremo sul de São Paulo, onde vivem Olívio e Werá, teve o cuidado de conhecer e ouvir mais sobre a Comissão Guarani Yvyrupa [CGY], saber sobre os processos coletivos de organização, articulação e fortalecimento de identidade, procurar aprender sobre a cosmologia, os mitos e a história de diferentes grupos. Até por isso, talvez, escapa de uma visão romantizada, que empobrece e fragiliza análises.

Os desenhos revelam e explicitam contrastes, mostram problemas, evidenciam complexidades. A crítica ao desenvolvimento é uma constante. Para chegar à aldeia é preciso seguir pelo asfalto cru, duro, poluído, atravessar um mar de carros. Os bandeirantes aparecem em pedra tão dura como sua história. Nos seus traços, aparece também o viver de quem faz a resistência — e que talvez seja a própria resistência em si. Um horizonte de diferentes viveres, de bens viveres possíveis.



BREVES REFERÊNCIAS HISTÓRICAS SOBRE A RESISTÊNCIA GUARANI

Segundo o historiador John Manuel Monteiro, entre fins do século XVI, até 1640, cerca de 150 mil Guarani foram capturados para servirem de escravos na cidade de São Paulo, constituindo parte fundamental da economia daquela que viria a se transformar na maior metrópole sul-americana. Esse episódio é narrado, com farta documentação histórica, em sua obra *Negros da Terra: Índios e bandeirantes nas origens de São Paulo* (Companhia das Letras, 1994).

Tempos depois, as populações Guarani que fugiram e sobreviveram nas mais afastadas matas interiores do país tiveram seus territórios esbulhados pelo avanço dos não índios. A maioria foi obrigada a integrar os ciclos econômicos das frentes de colonização, como ocorreu com as empresas de extração da erva-mate, depois seguidas pela expansão dos cultivos de cana, milho, soja etc. O relatório *Violações dos direitos humanos e territoriais dos Guarani no Oeste do Paraná (1946-1988)*, do antropólogo Ian Packer, reúne informações sobre esse violento processo.

Os povos Guarani adentraram o século XXI reivindicando e lutando por pequenas partes de seu outrora extenso território tradicional, do qual foram sendo expulsos durante os últimos cinco séculos, mas onde também permanecem, resistindo das mais diversas formas e buscando a demarcação de suas terras. A atual

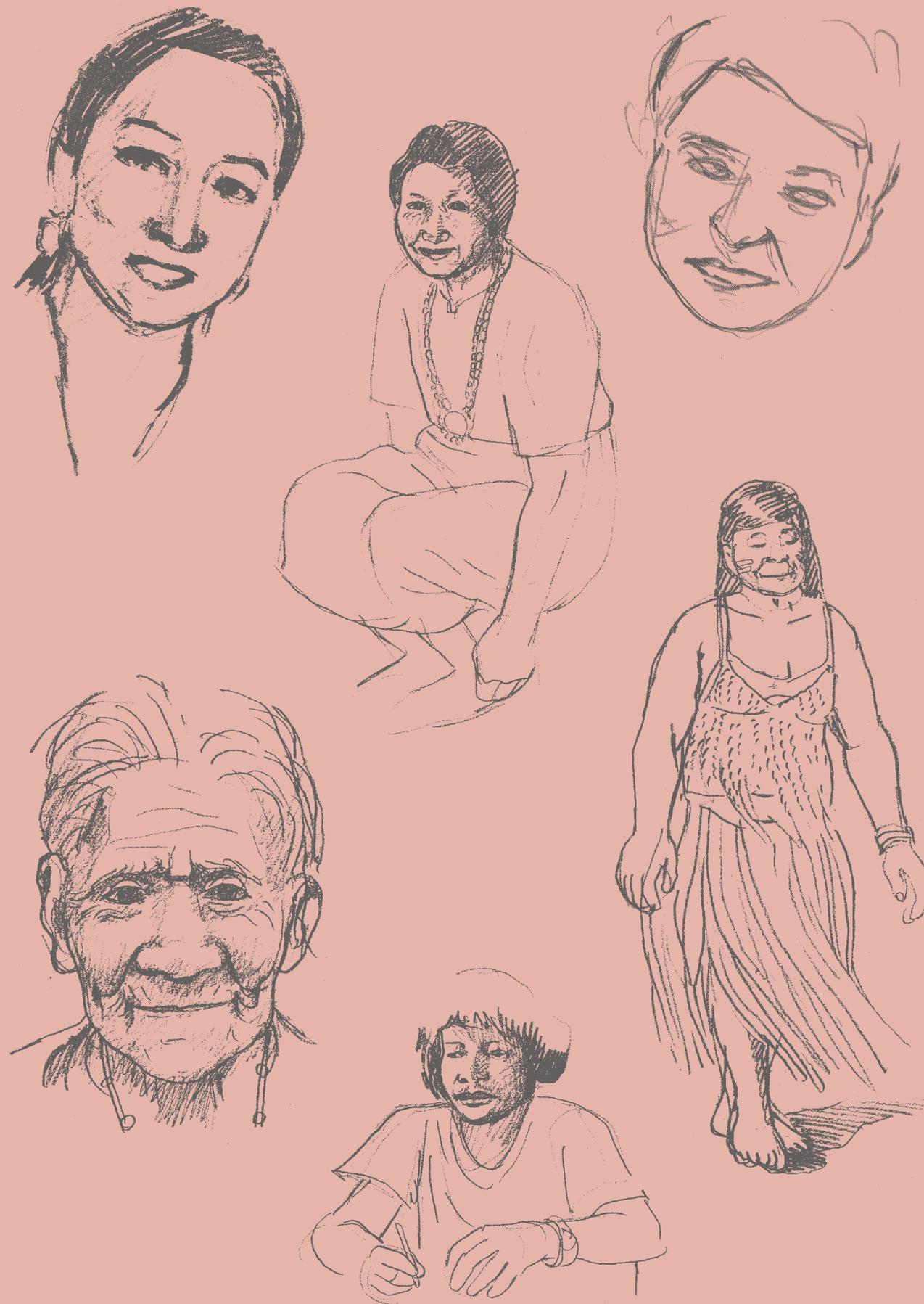


situação fundiária das aldeias Guarani situadas nas regiões Sul e Sudeste do Brasil pode ser conferida no *Atlas das Terras Guarani no Sul e Sudeste do Brasil 2015*, publicado pelo Centro de Trabalho Indigenista.

A Comissão Guarani Yvyrupa (CGY), organização indígena autônoma, surge em novembro de 2006 para articular o povo Guarani disperso nesse vasto território na luta comum pela terra. Inicialmente batizada como Comissão Nacional de Terras Guarani Yvyrupa, a CGY foi fundada na Terra Indígena Peguaoty, aldeia localizada no município paulista de Sete Barras, durante uma grande assembleia com mais de trezentas lideranças políticas e espirituais guarani.

Yvyrupa é a expressão utilizada em guarani para designar a estrutura que sustenta o mundo terrestre, e seu significado evoca o modo como os Guarani sempre ocuparam livremente o território antes da chegada dos não indígenas, quando não existiam as fronteiras municipais, estaduais e federais que conhecemos hoje em dia.

Desde sua fundação, a CGY vem se consolidando como importante protagonista político do movimento indígena nacional, garantindo pouco a pouco vitórias importantes na longa luta pelo reconhecimento dos direitos do povo Guarani.





OBRAS DE REFERÊNCIA



As ilustrações de *Xondaro* foram livremente inspiradas em fotografias produzidas pela Comissão Guarani Yvyrupa e seus colaboradores, como Luiz Pires e Luiza Mandetta, em imagens que circularam pela imprensa, em imagens capturadas por satélite e em registros realizados pelo próprio autor em visita às aldeias guarani de São Paulo.



Outras referências imagéticas foram o livro e documentário *Xondaro mbaraete — A força do xondaro*, realizado no âmbito de um curso de formação de pesquisadores Guarani, e o vídeo *Rodovia rojoko — O dia em que fechamos a Bandeirantes*, produzido pela Comissão Guarani Yvyrupa, além do filme *Bicicletas de Nhanderu*, de Patrícia Ferreira Yxapy e Ariel Duarte Ortega.



Entre as publicações que inspiraram o roteiro de *Xondaro*, destacam-se os livros *Ka'aguy re Jaiko — Vivemos na Mata*, elaborado pelo Programa Aldeias da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo em parceria com o Centro de Trabalho Indigenista; *A Vida do Sol na Terra*, de Vera Kangua e Papa Miri Poty; e duas obras de Maria Inês Ladeira: *O caminhar sob a luz* e *Espaço geográfico guarani mbya*.



Destacamos ainda as informações disponíveis na dissertação de mestrado de Daniel Calazans Pierri, *O Perecível e o Imperecível — Corporalidade e lógica do sensível no pensamento guarani mbya*; na dissertação de mestrado de Lucas Keese dos Santos, *A esquiva do xondaro — Movimento e ação política entre os Guarani Mbya*; no trabalho de Bel Harari, *Margem — A luta dos Guarani Mbya pela demarcação de suas terras e o devir índio*; na carta aberta *Monumento à resistência do povo Guarani*, de Marcos dos Santos Tupã, coordenador da CGY; e no texto *Xondaro na Copa do Mundo 2014*, de Olívio Jekupé.





*Este trabalho tomou cerca de um ano para se concretizar,
e se o fez a contento foi graças ao apoio de uma série
de pessoas, a quem devo os mais sinceros agradecimentos.*

*Ao Lucas, a quem, fosse eu honesto,
daria coautoria.*

*À Jera, ao Tiago, ao Marcelo e a todos da CGX, pelo
apoio e por acreditar no projeto.*

Ao Werá e ao Olívio, que motivaram tudo isso.

*À Ana, ao Daniel, ao Gerhard e a todos da Fundação,
pela abertura e pela confiança no trabalho.*

À minha família, pelo costumeiro apoio.

*À Natalia e à Daniela, que leram as primeiras versões
do roteiro e ajudaram a colocar a coisa no prumo.*

*Ao Tadeu e à Bianca, da Editora Elefante, que deram
forma a essa matéria.*

*E em especial à Yukari, cujo apoio e
companheirismo escapam largo a essas linhas.*

VITOR FLYNN PACIORNİK

[cc] Vitor Flynn Paciornik, 2016
[cc] Fundação Rosa Luxemburgo, 2016
[cc] Editora Elefante, 2016



Você tem a liberdade de compartilhar, copiar, distribuir e transmitir esta obra, desde que cite a autoria e não faça uso comercial.

1ª Edição, Setembro de 2016
Impresso no Brasil

EDITORA ELEFANTE

www.editoraelefante.com.br
editoraelefante@gmail.com
fb.com/editoraelefante

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Angélica Ilacqua CRB-8/7057	
Paciornik, Vitor Flynn Xondaro / Vitor Flynn Paciornik.- São Paulo : Fundação Rosa Luxemburgo, Elefante, 2016. 60 p. : il., color.	
ISBN 978-85-683-0208-8	
16-0958	CDD 741.5
Índices para catálogo sistemático: 1. Histórias em quadrinhos I. Título	

Esta publicação foi realizada com o apoio da Fundação Rosa Luxemburgo com fundos do Ministério Federal para a Cooperação Econômica e de Desenvolvimento da Alemanha [BMZ].



Rua Ferreira de Araújo, 36
05428-000 São Paulo SP
Tel. 011 3796 9901
www.rosaluxspba.org



Este livro foi composto em GT Walsheim & Komika sobre papel Offset 120g/m², capa em papel Ningbo 250g/m², e impresso na Gráfica Pancrom com tiragem de 1.500 exemplares.

Em abril de 2014, os Guarani ocuparam por 24 horas outro símbolo da colonização dos territórios paulistas: o Pateo do Collegio, uma das edificações mais antigas da cidade de São Paulo, erguida em 1554 pelos jesuítas que vieram cristianizar os povos nativos.

Mesmo depois de tantos protestos, os governantes continuaram ignorando, como sempre fizeram, as exigências dos Guarani. Então, eles se basearam em estudos aprovados pela Fundação Nacional do Índio (Funai) que estavam ganhando poeira nos gabinetes do Ministério da Justiça e reocuparam algumas de suas antigas áreas de uso, como uma terra que estava abandonada pelos posseiros *juruá* na região de Parelheiros. Refundaram, assim, a aldeia Kalipety.

Foi com esse espírito de luta que um jovem *xondaro* guarani, Werá Jeguaká Mirim, abriu uma faixa pedindo “demarcação” durante a abertura da Copa do Mundo no estádio do Itaquero, em junho de 2014.

A mensagem de resistência ecoou em todo o planeta, mas o reconhecimento oficial da recente onda de mobilizações guarani só aconteceu em maio de 2016, quando o ministro da Justiça Eugênio Aragão assinou uma Portaria Declaratória reconhecendo a terra indígena de Parelheiros — um passo muito importante no processo de demarcação.

O livro *Xondaro* retrata, em quadrinhos, um pouco dessa história.

VITOR FLYNN PACIORNIK é quadrinista e ilustrador. Formado em Artes Plásticas e em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, mantém desde 2013 o blogue autoral *Quadrinhos B*, dedicado a histórias curtas.

WWW.QUADRINHOSBE.WORDPRESS.COM



Xondaro e *xondaria* são termos usados pelos Guarani Mbya para se referir a seus guerreiros e auxiliares na vida comunitária. Sua existência replica-se em vários âmbitos e em diversas funções. As divindades — os Nhanderu — têm seus *xondaro*, que são suas ramificações e seus emissários. Os xamãs, as lideranças políticas e todos os coletivos de seres também têm seus *xondaro*. Os *xondaro* Guarani Mbya também possuem uma dança — *xondaro jeroky* —, em que treinam sobretudo suas habilidades de esquiva. É um saber que requer leveza corporal e astúcia, e que os Guarani Mbya colocam em prática em seu longo processo de resistência territorial e cosmológica frente ao mundo dos *jurua*, os não indígenas. Assim, o termo *xondaro* é um conceito que se refere a uma dança, a uma função e a um modo de ser desse povo.



elefante
EM QUADRINHOS

FUNDAÇÃO
ROSA
LUXEMBURGO

Apoio:



ISBN 978-85-683-0208-8
WWW.EDITORAELEFANTE.COM.BR
WWW.ROSALUXSPBA.ORG